

ENTRE O PASSADO E O FUTURO: MODERNAS TRADIÇÕES BRASILEIRAS EM TEMPOS REPUBLICANOS

Aluno(a): Érica Szabo
Orientador(a): Berenice Cavalcante

I. Relatório técnico

Neste texto apresentaremos a metodologia utilizada para o desenvolvimento do projeto de pesquisa “*Nem tanto ao mar, nem tanto à terra...*” *As modernas tradições brasileiras*, além de explicitar as leituras realizadas pelo grupo, que atua sob a orientação de Berenice Cavalcante.

- **Práticas do grupo**

Durante as reuniões semanais, o grupo de pesquisa, composto por três bolsistas de iniciação científica, juntamente com a orientadora, se ocupa da discussão de textos teóricos indicados pela mesma, além de analisar fontes primárias recolhidas pelas bolsistas.

Neste projeto as fontes documentais escolhidas foram textos publicados em periódicos durante a primeira República brasileira, de forma a possibilitar a compreensão deste momento histórico, tendo como foco a percepção de seus contemporâneos. Estas fontes são oriundas do acervo da Seção de Periódicos da Biblioteca Nacional, à qual as bolsistas fazem visitas semanais, onde selecionam os artigos mais significativos para o projeto.

- **Atividades desenvolvidas**

Durante o primeiro semestre de 2006 tivemos a oportunidade de participar do evento desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro “PUC por um dia”, através da apresentação de seminários.

- **Leituras e discussões**

Os textos teóricos lidos e discutidos pelo grupo são de suma importância para o nosso trabalho, uma vez que auxiliam na análise e interpretação das fontes documentais utilizadas. A seguir os principais textos teóricos lidos e debatidos pelo grupo de pesquisa:

STARLING, Heloísa. “*A República e o Subúrbio: Imaginação Literária e Republicanismo no Brasil.*” In. Sérgio Cardoso (org). Retorno ao Republicanismo. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2004.

Sérgio Cardoso org. “Apresentação” In. Retorno ao Republicanismo. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2004.

BIGNOTTO, Newton. “Problemas Atuais da Teoria Republicana” In. Sérgio Cardoso (org). Retorno ao Republicanismo. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2004.

CARDOSO, Sérgio; “*Por que República? Notas Sobre o Ideário Democrático e Republicanismo*” In. Sérgio Cardoso (org). Retorno ao Republicanismo. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2004

LESSA, Renato. “A invenção da República no Brasil: da aventura à rotina”, in República no Catete. Rio de Janeiro. Museu da República, 2001.

BELLO, José Maria. História da República – 1889-1954. São Paulo. Companhia Editora Nacional, sétima edição.

- **Levantamento de fontes primárias**

Como já foi dito anteriormente, os documentos utilizados no projeto são recolhidos em visitas semanais à Biblioteca Nacional, com a duração média de cinco horas. O critério de seleção de tais fontes leva em consideração os rumos definidos para o projeto na etapa em que este se encontra. Para tanto, torna-se fundamental a existência de reuniões semanais promovidas entre a orientadora e as orientadas que compõe o projeto.

Os periódicos pesquisados pelo grupo são:

Jornal do Commercio

Jornal do Brasil

Revista da Semana

O Paiz

Também foi lido e discutido neste período [pelo grupo] o romance *Canaã*, de Graça Aranha.

II. Documentos de trabalho

Elaboração de textos que buscaram sistematizar as conclusões parciais da análise das fontes documentais e a organização da seleção das informações. Esta atividade foi valiosa por contribuir para o avanço da reflexão teórica.

Ver anexos I e II.

Estado da questão do projeto [agosto de 2005 a julho de 2006]

Durante este período, nos dedicamos preferencialmente ao estudo dos sentimentos e impressões dos contemporâneos tendo como referência os conceitos de república e democracia, e sua relação com a cultura e a sociedade brasileiras.. No tocante aos documentos, optamos por buscá-los nos dias próximos ao aniversário da proclamação. Isso porque entendemos este tipo de situação como um momento privilegiado, no qual as pessoas tendem a fazer uma espécie de balanço, relembrando aquilo que já passou e explicitando as suas angústias e anseios com relação tanto ao regime republicano, quanto à própria sociedade na qual estavam inseridas.

Para determinar do corte cronológico optamos por adotar a temporalidade criada por Renato Lessa, que divide a fase inicial da República brasileira, que vai da proclamação ao ano de 1902, em duas partes chamadas de *confusa infância* e *rotina*¹.

Como nos adverte Sérgio Cardoso², república e democracia são conceitos distintos. O primeiro deles está relacionado à institucionalização de um modo de convivência entre os homens, no qual as decisões são tomadas tendo como principal preocupação a manutenção do "bem comum" e de um corpo de normas tradicionais. Já o segundo é caracterizado por um caráter *plebicitário*³, no qual as leis são formuladas de forma a atenderem às demandas representadas por fatos e situações novas que não haviam sido previstas pelo corpo de leis da sociedade em questão. Sendo assim, podemos entender os dois conceitos como possuidores de uma relação diferente com a temporalidade: a república preocupa-se com a sua manutenção, guiando-se sempre pela tradição, pelo passado. A democracia, por sua vez, recria-se constantemente, podendo portanto, ser relacionada à uma idéia de futuro.

Não obstante, este mesmo autor afirma que, na prática, os termos são usados constantemente de forma relacionada, funcionando até mesmo como sinônimos, como se pode verificar no Manifesto de 1870, símbolo da propaganda republicana no Brasil. Este, segundo Renato Lessa⁴, apresentava como um corolário exclusivamente republicano: “soberania do povo, *democracia [grifos nossos]*, governo representativo e responsável e federalismo”⁵.

É importante ressaltar que, além dessas duas definições, a palavra república aparece nos artigos pesquisados com as mais diversas significações como, por exemplo, a que aparece no fragmento a seguir:

*“... o nosso prazer é ainda maior, sentindo-nos à distância pequena do desejado dia em que a nação haja de entrar no regime da legalidade, não simplesmente consentida ou tolerada, mas liberdade de fato e de direito, ativa dentro da esfera da lei, liberdade perfeita, intocável. Só então a República será verdadeira, leal e sincera;...”*⁶.

¹ Estas idéias são apresentadas no artigo “A invenção da República no Brasil: da aventura à rotina”, publicado no livro *República no Catete*.

² Aqui me refiro ao texto “Por que República?”, publicado no livro *Retorno ao Republicanismo*, organizado pelo mesmo.

³ CARDOSO, Sérgio. “Por que República? – notas sobre o ideário democrático e republicano” (p.59) in. **Retorno ao republicanismo**.

⁴ LESSA, Renato. “A invenção da República no Brasil: da aventura à rotina”, in **República no Catete**.

⁵ Idem. (p. 15).

⁶ “Quinze de novembro”, in. **Jornal do Commercio**, 15 de novembro de 1890.

Neste trecho, publicado um ano após a proclamação, podemos verificar que a república, apesar de ainda não estar submetida a um corpo de leis que lhe dê o embasamento necessário para a sua consolidação e, conseqüentemente, para a existência de liberdade, é apresentada como o “regime da legalidade”, mesmo que submetida a um estado momentâneo de ausência de norma, próprio da transformação enfrentada há pouco pelo país.

Lessa, ao descrever os momentos iniciais da nossa república refere-se ao que chama de “confusa infância”⁷, caracterizada pela ausência de instituições capazes de regular a vida política. Aquelas que estavam ligadas ao Império haviam sido derrubadas sem que os republicanos de 15 de novembro tivessem nas mãos um projeto unificado de nação que pudesse substituir a monarquia, dando início à uma situação de incerteza, e até mesmo de caos político no país.

Note-se que, além deste fato, há outros documentos nos quais a idéia de liberdade aparece ligada à república. Como exemplo podemos citar um no qual o autor afirma que o episódio de 15 de novembro de 1889 representou a verdadeira emancipação do Brasil, em oposição à independência política em relação á antiga metrópole, ocorrida no ano de 1822, que culminou na formação do império brasileiro. Esta seria uma liberdade de fato pois havia proporcionado a *libertação social* dos brasileiros.

*“Já se pode festejar o dia da independência real dos brasileiros, mistificados até agora a crer que a emancipação política sem libertação social faz a independência de uma Nação”*⁸.

Documentos como este nos mostram que, apesar de viverem num mesmo tempo e de se utilizarem um mesmo termo, os homens dessa época, assim como de outras interpretam de formas bastante distintas o que ocorre à sua volta.

*“... o povo se tem manifestado capaz de escolher diretamente o supremo magistrado da Nação.”*⁹

Neste trecho, como em outros, podemos verificar uma das mais interessantes idéias relacionadas à democracia, que é o reconhecimento da capacitação do povo para escolher seus governantes. Aqui a democracia é apresentada como uma espécie de habilidade, de talento inerente ao povo, e não como uma questão de escolha. É interessante notar que documentos como este não são unânimes, e convivem com um outro dado bastante recorrente, que é a pequena participação política do *demos*, que em alguns momentos chega a ser “absoluta abstenção”¹⁰, como nas eleições federais de Juiz de Fora, em 1892.

Contudo, apesar de muitas vezes se abster da participação política, que tem como forma principal o voto, a população se fazia presente nas comemorações de 15 de novembro, ocupando as ruas para assistir as paradas militares e às bandas de música, e visitando edifícios públicos franqueados à população nestes dias de festa. Esta participação deve ser assinalada de forma a relativizar a idéia de alheamento do *demos*, que, de em muitos momentos não participar da política, não exercia sua condição de cidadão..

⁷ LESSA, Renato. “A invenção da República no Brasil: da aventura à rotina”, in **República no Catete**.

⁸ “15 de novembro”, in. **Jornal do Commercio**, 15 de novembro de 1891.

⁹ “Banquete Rosa e Silva”, in. **O Paiz**, 12 de novembro de 1898.

¹⁰ “Juiz de Fora”, in. **O Paiz**, 16 de novembro de 1892.

Verificamos aqui que a noção de público utilizada não é a que está ligada à participação política, mas sim a de público como platéia, uma vez que este assiste aos acontecimento sem estar envolvido diretamente, e sem exercer o seu papel de cidadão, como foi dito anteriormente.

Apesar de serem duramente criticados, todos os governos se iniciam cercados de esperanças e de fé no progresso da nação. A cada eleição o presidente é apresentado como um homem competente, que contará com o apoio do povo para livrar o Brasil de seus vícios, e para guiá-lo na direção do progresso e da felicidade. O presente é o espaço da desordem, mas que dará lugar, em um tempo próximo, a um futuro de glórias e prosperidade. As esperanças eram depositadas na figura do supremo magistrado da nação, que seria o único capaz de guiar o país no rumo do progresso e da civilização.

Tal interpretação e esperança, em torno do presidente que assumiria pode se fazer perceber no trecho abaixo elaborado por um articulista da época:

“É uma verdadeira era nova que hoje se abre para a Pátria, ansiosa por paz, por um governo de liberdade, de tolerância, de severa economia, de profundo respeito aos princípios constitucionais, tão profundamente desvirtuados nestes quatro anos de desvios e prepotência.”¹¹

Este esperançoso fragmento diz respeito ao início do mandato do segundo presidente civil brasileiro, Campos Salles, que para o autor Renato Lessa foi o responsável pela *rotinização* da república, inserida até aquele momento, como já foi dito acima, em um clima de incerteza no plano político.

Porém, quatro anos depois neste mesmo jornal, a visão que se tem do político e de seu mandato é bastante diferente:

“O Dr. Campos Salles devia hoje abandonar o governo, aclamado pela Nação inteira e sai, ao contrário, detestado, como um réu de um grande atentado contra o direito, a liberdade, o decoro do país. Essa impopularidade é mais do que justa, porque os seus serviços à Nação quase desaparecem entre o acervo de males que lhe causou, a corrupção que [mantivera], a opressão política que erigiu em sistema de governo, os escândalos grosseiros que tolerou.”¹²

O governo que, antes de se iniciar estava associado à idéia de *liberdade* e de *tolerância*, é o mesmo que, no seu fim é apresentado como aquele que cercou a nação de males, atentando contra a mesma *liberdade*, antes associada ao mesmo.

É interessante notar que, nesta avaliação, o ato de responsabilizar apenas o presidente pelos males da pátria pode ser entendido como uma certa incompreensão do regime, uma vez que outras figuras como senadores, deputados e ministros também são responsáveis pelos rumos da nação além, é claro, da própria população, que também tem as suas responsabilidades num regime representativo.

Um documento do jornal *O Paiz* afirma que a proclamação da república “suprimiu irrevogavelmente da política brasileira o regime que o progresso da civilização moderna tornou incompatível com o desenvolvimento moral e social dos povos ocidentais”¹³, o que nos faz notar que os conceitos de república, progresso e civilização estavam

¹¹ “Era nova”, in. *O Paiz*, 15 de novembro de 1898.

¹² “Enfim!”, in. *O País*, 15 de novembro de 1898.

¹³ “Benjamin Constant”, in. *O Paiz*, 14 de novembro de 1898.

profundamente ligados no imaginário dos homens da época. A república era, para muitos, a única possibilidade que o país possuía de sair do atraso, tanto econômico como social, e se aproximar das nações civilizadas, superiores, que neste momento eram representados, basicamente, por Estados Unidos, Inglaterra e França.

A supra citada ausência de participação política do *demos* na República remonta ao momento de sua fundação. A princípio isso representaria uma incoerência fundamental no regime brasileiro, uma vez que este deveria representar, nas palavras de Sérgio Cardoso, “o que é de interesse coletivo ou comum aos cidadãos”¹⁴, e não de um grupo restrito, no caso os militares liderados por Marechal Deodoro da Fonseca.

Ainda nessa discussão, Renato Lessa vai além da frase de Aristides Lobo, segundo a qual o povo teria assistido “bestializado” aos acontecimentos de 15 de novembro, afirmando que o que existia, na verdade, era um “intransponível fosso existencial”¹⁵ separando o *demos* do novo regime, como exemplifica o seguinte trecho publicado no Jornal do Brasil em 1892:

*“Não fora impróprio qualificar a que fez a República no Brasil, de ‘Revolução da indiferença’, se a indiferença não fosse aí como que o choro mudo, se assim podemos dizer, do antigo teatro trágico ou esses figurantes que na ópera moderna, passando e repassando no fundo do palco, fingem multidões interessadas em um drama que nada lhes importa e que nem sequer compreendem.”*¹⁶.

Por fim, podemos concluir que neste momento, na sociedade brasileira, conviviam múltiplas visões e opiniões a respeito do regime recém implantado, e de idéias a ele relacionadas, como democracia e civilização. Estas, que tinham como um de seus principais veículos os jornais não eram necessariamente excludentes, mas em larga medida complementares.

Esta pluralidade de opiniões nos permite perceber que não existia uma idéia homogênea de república, o que torna relevante o estudo deste importante momento histórico sob este viés.

¹⁴ CARDOSO, Sérgio. Por que República? Notas sobre o ideário democrático e republicano. In. Sérgio Cardoso (org.), Retorno ao republicanismo. (p.45).

¹⁵ LESSA, Renato. “A invenção da República no Brasil: da aventura à rotina”, in **República no Catete**. (p.11)

¹⁶ “A República. 15 de novembro de 89 – 15 de novembro de 92”, in. **Jornal do Brasil**, 15 de novembro de 1892.

Anexo I

Personagens da Primeira República Brasileira – apud. LESSA, Renato. “A invenção da República no Brasil: da aventura à rotina”, in **República no Catete**.

NOME	DESCRIÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Aristides Lobo	Ministro do Interior do Governo Provisório (1889 - 1891)	República no Catete; pp. 11, 24, 25
Augusto Montenegro	Líder da maioria na Câmara nas eleições de 1900, apelidado pela população de “Guilhotina Montenegro”	República no Catete; pp. 49, 52
Barão de Lucena	Ministro do Governo Provisório (1889 - 1891)	República no Catete; pp. 30
Benjamin Constant	Ministro do Governo Provisório (1889 - 1891)	República no Catete; pp. 23, 24
Bernardino de Campos	Principal líder do Partido Republicano Paulista durante o Império	República no Catete; pp. 15, 33, 36
Borges de Medeiros	Presidente do Rio Grande do Sul a partir do Governo Campos Sales (1898 - 1902)	República no Catete; pp.52
Campos Sales	Presidente da República (1898 - 1902); apelidado pela população carioca de “Campos Selos”	República no Catete; pp. 15, 22, 25, 37, 41, 42, 46, 50, 51, 53, 56
Cesário Alvim	Elaborador do primeiro regulamento eleitoral da República (1889)	República no Catete; pp. 24
Eduardo Wandenkolk	Ministro da Marinha do Governo Provisório (1889 - 1891)	República no Catete; pp.23
Epitácio Pessoa	Ministro da Justiça do Governo Campos Sales (1898 - 1902)	República no Catete; pp.46
Eusébio de Queirós	Membro da "Trinidade Saquarema", a extrema direita imperial	República no Catete; pp.15
Floriano Peixoto	Presidente da República (1891 - 1894)	República no Catete; pp. 31, 32, 33, 36
Francisco Glicério	Líder do Partido Republicano Federal (PRF)	República no Catete; pp. 33, 34, 38
Joaquim Murtinho	Ministro da Fazenda do Governo Campos Sales (1898 - 1902)	República no Catete; pp.46
Joaquim Nabuco	Político monarquista	República no Catete; pp. 11, 12, 16
Júlio de Castilhos	Presidente do Partido Republicano Riograndense (PRR)	República no Catete; pp.41
Lauro Müller	Senador durante o Governo Campos Sales (1898 - 1902)	República no Catete; pp.47
Lauro Sodré	Candidato à presidência pelo PRR (1898)	República no Catete; pp.41
Luiz Viana	Presidente da Bahia durante o Governo Campos Sales (1898 - 1902)	República no Catete; pp.50

Manuel Vitorino	Vice-presidente do Governo Prudente de Moraes (1894 - 1898)	República no Catete; pp. 38, 40
Marcelino Bispo	Executor do atentado contra Prudente de Moraes (1897)	República no Catete; pp.39
Marechal Bittencourt	Ministro da Guerra do Governo Prudente de Moraes (1894 - 1898)	República no Catete; pp. 36, 38, 39
Marechal Deodoro da Fonseca	Proclamador da República e primeiro presidente (1889 - 1891)	República no Catete; pp. 11, 12
Olynto de Magalhães	Ministro das Relações Exteriores do Governo Campos Sales (1898 - 1902)	República no Catete; pp.46
Prudente de Moraes	Primeiro presidente civil (1894 - 1898)	República no Catete; pp. 14, 27, 32, 36, 38
Rodrigues Alves	Ministro da Fazenda do Governo Prudente de Moraes (1894 - 1898)	República no Catete; pp. 36, 45, 51
Rui Barbosa	Ministro da Fazenda do Governo Provisório (1889 - 1891)	República no Catete; pp. 19, 27, 28, 31, 53
Severino Vieira	Ministro da Indústria do Governo Campos Sales (1898 - 1902)	República no Catete; pp.47
Silviano Brandão	Presidente de Minas Gerais durante o Governo Campos Sales (1898 - 1902)	República no Catete; pp.49
Vaz de Mello	Presidente da Câmara durante o Governo Campos Sales (1898 - 1902)	República no Catete; pp.49
Visconde de Itaboraí	Membro da "Trinidade Saquarema", a extrema direita imperial	República no Catete; pp.15
Visconde de Ouro Preto	Último presidente do Conselho do Império (1889); apelidado de "Afonso Vintém"	República no Catete; pp.13
Visconde de Uruguai	Membro da "Trinidade Saquarema", a extrema direita imperial	República no Catete; pp.15

Anexo II

Organização da documentação dos periódicos, tendo como critério as “chaves de interpretação”, na seqüência temporal.

1890

FESTEJOS

festejos em diversos pontos do país - ruas enfeitadas e iluminadas, paradas militares, bailes, entre outros tipos de comemoração - prometendo “animação e brilhantismo” (JC, 8 de novembro de 1890);

JC, 8 de novembro de 1890 – Telegrama, S. Luiz do Maranhão; JC, 9 de novembro de 1890 – Telegrama, S. Salvador;

O Paiz, 13 de novembro de 1890 – Pará, 12;

O Paiz, 13 de novembro de 1890 – Porto Alegre, 12;

JC, 14 de novembro de 1890 – Telegrama, S. Luiz do Maranhão;

JC, 14 de novembro de 1890 – Telegrama, Petrópolis;

O Paiz, 14 de novembro de 1890 – Porto Alegre, 13;

O Paiz, 14 de novembro de 1890 – Petrópolis, 13;

JC, 15 de novembro de 1890 – Telegrama, S. Paulo;

JC, 15 de novembro de 1890 – Telegrama, Macaé;

JC, 16 de novembro de 1890 – Telegramas, Paraíba;

JC, 16 de novembro de 1890 – Telegramas, S. Salvador;

JC, 16 de novembro de 1890 – Telegramas, Vitória;

JC, 16 de novembro de 1890 – Telegramas, Santos;

JC, 16 de novembro de 1890 – Telegramas, S. Paulo;

festejos na Capital Federal (“...afim de solenemente e com todo brilhantismo ser comemorado o faustoso acontecimento...”);

- comemoração cosmopolita (presença de representantes oficiais e jornalistas de diversos países, como EUA, Uruguai, Argentina e Portugal, e também dos diversos estados da Federação).

JC, 8 de novembro de 1890 – Várias notícias, sem nome;

JC, 10 de novembro de 1890 – Gazetilha, Visita;

O Paiz, 13 de novembro de 1890 – sem nome;

O Paiz, 13 de novembro de 1890 – sem nome;

O Paiz, 13 de novembro de 1890 – sem nome;

O Paiz, 13 de novembro de 1890 – sem nome;

- Três dias de comemoração oficial: bandas de música, iluminação, parada militar, corrida de cavalos e comemorações nos bairros (comissões formadas pela Intendência Municipal), entre outros.

O Paiz, 10 de novembro de 1890 – sem nome;

JC, 11 de novembro de 1890 – Gazetilha, Festejos de 15 de novembro;

JC, 11 de novembro de 1890 - Várias Notícias, sem nome;

JC, 11 de novembro de 1890 - Várias Notícias, sem nome;

O Paiz, 11 de novembro de 1890 – Noticiário;

O Paiz, 11 de novembro de 1890 – 15 de novembro;
O Paiz, 11 de novembro de 1890 – Sport;
JC, 12 de novembro de 1890 – Intendência Municipal, 1º aniversário da proclamação da República;
JC, 12 de novembro de 1890 – Avisos, Festejos militares;
JC, 12 de novembro de 1890 – Intendência Municipal, 15 de novembro;
O Paiz, 12 de novembro de 1890 – 15 de novembro;
O Paiz, 12 de novembro de 1890 – Sport;
JC, 13 de novembro de 1890 – Várias Notícias, sem nome;
O Paiz, 13 de novembro de 1890 – 15 de novembro;
O Paiz, 13 de novembro de 1890 – Sport: Hipódromo Nacional;
JC, 14 de novembro de 1890 – Intendência Municipal, 15 de novembro;
JC, 14 de novembro de 1890 – Declarações, Grandes Festejos;
O Paiz, 14 de novembro de 1890 – 15 de novembro;
JC, 15 de novembro de 1890 – Gazetilha, Festejos;
JC, 16 de novembro de 1890 – Gazetilha, Festejos;

- Comemoração organizada por civis (S. Cristovão, Tenentes do Diabo, Santa Thereza, Santo Antônio);
JC, 8 de novembro de 1890 – Declarações, S. Cristovão;
JC, 10 de novembro de 1890 – Declarações, S. Cristovão;
JC, 12 de novembro de 1890 – Várias Notícias, sem nome;
O Paiz, 13 de novembro de 1890 – Tenentes do Diabo;
O Paiz, 13 de novembro de 1890 – Freguesia da Glória;
JC, 15 de novembro de 1890 – Gazetilha, Festejos;
JC, 15 de novembro de 1890 – Publicações à Pedido, Grandes Festejos: Em Santa Thereza;
JC, 15 de novembro de 1890 – Publicações à Pedido, T.D.;

Tentativa de inserir o povo na comemoração (eventos para as crianças, transporte para a população dos subúrbios, – criar identidade com a República nascente;
JC, 10 de novembro de 1890 – Intendência Municipal, 15 de novembro;
O Paiz, 10 de novembro de 1890 – 15 de novembro: Festejos municipais;
JC, 11 de novembro de 1890 – Gazetilha, Festejos de 15 de novembro;
JC, 12 de novembro de 1890 – Intendência Municipal, 15 de novembro;
O Paiz, 13 de novembro de 1890 – Festa de 15 de novembro;
O Paiz, 13 de novembro de 1890 – Estrada de ferro Central do Brasil;

Passeata em homenagem a Rui Barbosa (“Era impossível celebrar melhor o aniversário da República do que assim, com a festa da paz e do trabalho...” – JC, 16 de novembro de 1890)
JC, 14 de novembro de 1890 – Gazetilha, sem nome;
O Paiz, 14 de novembro de 1890 – Rui Barbosa: Manifestação popular;
O Paiz, 14 de novembro de 1890 – Na imprensa nacional;
O Paiz, 14 de novembro de 1890 – Aspecto da cidade;
JC, 16 de novembro de 1890 – Folhetim do Jornal do Commercio: Lembranças da Semana;

Sátira da festa;
O Paiz, 13 de novembro de 1890 – Classe operária: A máscara de hoje: Programa;

REPERCUÇÃO INTERNACIONAL

Comemorações pelo mundo (feriado na Argentina, brasileiros em Portugal);
JC, 8 de novembro de 1890 – Várias notícias, sem nome;
JC, 10 de novembro de 1890 – Gazetilha, Comissão Militar;
JC, 11 de novembro de 1890 – Telegramas, Buenos Aires, 10 de novembro;
O Paíz, 12 de novembro de 1890 – Buenos Aires;
JC, 13 de novembro de 1890 – Telegramas, Buenos Aires, 12 de novembro;
JC, 13 de novembro de 1890 – Telegramas, Buenos Aires, 12 de novembro;
O Paiz, 13 de novembro de 1890 – A república brasileira em Portugal;
JC, 15 de novembro de 1890 – Telegramas, Buenos Aires, 14 de novembro;
JC, 15 de novembro de 1890 – Telegramas, Lisboa, 15 de novembro;
JC, 15 de novembro de 1890 – Telegramas, Buenos Aires, 15 de novembro;
JC, 15 de novembro de 1890 – Telegramas, Buenos Aires, 15 de novembro;

A imagem da República no exterior (“...foi mal interpretado na Europa, onde recebeu a qualificação de sedição militar...”);
JC, 13 de novembro de 1890 – Várias Notícias, sem nome;

CONCEPÇÕES DE REPÚBLICA

República associada à legalidade, à presença de uma Constituição;
JC, 11 de novembro de 1890 – Variedades, sem título;
JC, 13 de novembro de 1890 – Várias notícias, sem nome;
JC, 15 de novembro de 1890 – Gazetilha, Quinze de novembro;

República associada à ordem e à civilização;
JC, 16 de novembro de 1890 – Telegramas, Buenos Aires, 15 de novembro;

República associada à liberdade;
JC, 15 de novembro de 1890 – Telegramas, Paraíba, 15 de novembro;
JC, 15 de novembro de 1890 – Publicações à Pedido, 15 de novembro;

A República “Nem impede a anarquia, nem funda a liberdade”.
O Paiz, 10 de novembro de 1890 – Crônica política;

ASSISTENCIALISMO

Assistencialismo como forma de homenagear a República;
JC, 11 de novembro de 1890 – Gazetilha, Freguesia da Glória;
JC, 12 de novembro de 1890 – Publicações à pedido, Freguesia da Glória;
O Paiz, 13 de novembro de 1890 – a república brasileira em Portugal;

HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Consolidação do regime através da Constituição;
JC, 13 de novembro de 1890 – Várias notícias, sem nome;

JC, 15 de novembro de 1890 – Gazetilha, Quinze de novembro;

Consolidação da República através da centralização (fim da anarquia);

O Paiz, 10 de novembro de 1890 – Crônica política;

1891

EM RELAÇÃO AO ANO ANTERIOR...

O assistencialismo não é mais uma das formas de homenagear a República;

Diminuição do caráter cosmopolita da comemoração (não há delegações estrangeiras e não se comemora fora do país)

Os festejos oficiais continuam ocorrendo da mesma forma (iluminação, bandas, parada militar,...)

FESTEJOS

Continuam os festejos de caráter oficial, com paradas militares, bandas de música nos coretos e decoração da cidade, com ênfase à iluminação, além de um balão que “*tem de comprimento onze metros e meio, leva as armas da República e muitos outros emblemas.*”

(JC, 15 de novembro de 1891 – Várias notícias;)

JC, 14 de novembro de 1891 – Gazetilha, Exército;

JC, 14 de novembro de 1891 – Gazetilha, Guarda Nacional;

JC, 14 de novembro de 1891 – Intendência Municipal, sem título;

JC, 14 de novembro de 1891 – Publicações à pedido, sem título;

O Paiz, 14 de novembro de 1891 – As festas de amanhã;

JC, 15 de novembro de 1891 – Gazetilha, Guarda nacional;

JC, 15 de novembro de 1891 – Gazetilha, Exército;

JC, 15 de novembro de 1891 – Intendência Municipal, sem título;

JC, 15 de novembro de 1891 – Estado do Rio de Janeiro, sem título;

JC, 15 de novembro de 1891 – Declarações, sem título;

JC, 16 de novembro de 1891 – Gazetilha, Quinze de novembro;

Comemoração nas outras cidades;

JC, 14 de novembro de 1891 – Telegramas, Bahia, 13 de novembro;

JC, 16 de novembro de 1891 – Telegramas, Curitiba, 15 de novembro;

Comemorações civis (baile dos *Tenentes do Diabo*, retrato do presidente);

JC, 14 de novembro de 1891 – Várias notícias, sem título;

JC, 14 de novembro de 1891 – Várias notícias, sem título;

Inserção da população na comemoração;

“*O edifício da Intendência foi franqueado ao público, [ileg.] se reuniram os alunos das escolas municipais, aos quais foram distribuídos brinquedos.*”

(JC, 16 de novembro de 1891 – Gazetilha, Quinze de novembro;)

ESTADO DE SÍTIO

“... o Presidente da República, a bem de altos interesses do país, e à vista das circunstâncias em que se acha, decretou a dissolução do Congresso Nacional...”

(JC, 14 de novembro de 1891 – Gazetilha, Estados do Sul;)

Repercussão nos outros estados

“... atitude enérgica e patriótica...”

(O Paiz, 14 de novembro de 1891 – Telegramas recebidos pelo Sr. Ministro da Fazenda, Recife;)

O Paiz, 14 de novembro de 1891 – Telegramas recebidos pelo Sr. Ministro da Fazenda, Fortaleza;

JC, 14 de novembro de 1891 – Gazetilha, Estados do Sul;

Censura à imprensa (fechamento do jornal *O Tempo*);

JC, 15 de novembro de 1891 – Gazetilha, sem título;

A NOSSA REPÚBLICA...

República associada à independência ;

“Já se pode festejar o dia da independência real dos brasileiros, mistificados até agora a crer que a emancipação política sem libertação social faz a independência de uma Nação.”

(JC, 15 de novembro de 1891 – Publicações à pedido, 15 de novembro;)

República associada à virtudes clássicas (MODERNAS TRADIÇÕES)

“... calma e prudência, condição essencial à implantação definitiva do regime republicano.”

(O Paiz, 12 de novembro de 1891 – Seção livre, Assuntos políticos;)

A República associada à unidade dos estados e do povo:

“ ‘Deus vos preserve a existência e a incline sempre para o bem, de modo a termos uma república forte, unida e livre pela união de todos os brasileiros.’ ”

(O Paiz, 16 de novembro de 1891 – Avulsos, Ouro Preto;)

Valorização dos militares, homens valentes que realizaram *“a profecia do sábio Malte-Brum!”*

“Vossos netos poderão dizer com orgulho: Descendemos de militares de 1889”

(JC, 15 de novembro de 1891 – Publicações à pedido, 15 de novembro;)

Tentativa de construir uma identidade entre os republicanos e Tiradentes (criação de um mito de origem);

“Deus salve também ó consangüíneos de Joaquim Silvério dos Reis, que recebestes do céu a missão de reparar para a geração presente o mal que vosso antepassado causara ao povo brasileiro, fazendo, sem o quererdes, expulsar de nossa pátria o não degenerado neto do manhoso D. João VI e bisneto daquela por cuja ordem

foi erguido o patíbulo tendo por baixo, em exposição, uma caixa de sal para o suplício, esquartejamento e salgadura do infeliz Tiradentes.”

(JC, 15 de novembro de 1891 – Publicações à pedido, 15 de novembro;)

A República caindo na real... (essa não é a República dos meus sonhos – JMC)

“Se na prática o sistema não corresponde desde logo à nossa expectativa; se é mal executado e não provém toda a soma de benefícios que naturalmente devia decorrer do seu funcionamento, o bom senso e razão aconselham que se busque melhor compreende-lo, destruindo lentamente as causas que o embaraçam.”

(O Paiz, 12 de novembro de 1891 – Seção livre, Assuntos políticos;)

educação como forma de chegar à República sonhada;

“Sem previamente aperfeiçoar os sentimentos populares e elevar o nível da educação das classes diretoras, todos os esforços serão negativos, todas as tentativas burladas, para no final das contas, em vez de aprofundar as raízes das instituições políticas, seriamente abalá-las, comprometendo o seu futuro e o da pátria.”

(O Paiz, 12 de novembro de 1891 – Seção livre, Assuntos políticos;)

LIDANDO COM A TRADIÇÃO...

a impossibilidade de transferir regimes políticos de uma sociedade para outra, uma vez que dessa forma não se leva em consideração as particularidades de cada povo;

“Tanta insensatez envolveria a tentativa de impor moldes políticos de um tipo superior e elevado à uma nacionalidade em estado rudimentar, sem ideais de progresso e habituada ao seroilismo, como a empresa de fazer rebentar ao cérebro de um selvagem os princípios que constituem o apanágio da civilização moderna.”

(O Paiz, 12 de novembro de 1891 – Seção livre, Assuntos políticos;)

Valorização da tradição, em detrimento das atitudes no presente;

“Um poder mais forte do que eles, uma força irresistível e que decorre do passado das nações, das suas lutas, aspirações e sentimentos, neutralizará o efeito das engenhosas reformas pela vontade do legislador.”

(O Paiz, 12 de novembro de 1891 – Seção livre, Assuntos políticos;)

A proximidade com a França, *“uma terra composta de homens da mesma raça, da mesma crença, quase do mesmo temperamento, governado por instituições políticas idênticas, e onde todos aprendem a soletrar pelos livros dos escritores aplaudidos da academia de Paris.”*

(O Paiz, 12 de novembro de 1891 – Seção livre, Assuntos políticos;)

O BRASIL NA EUROPA

O Brasil é confundido com o resto da América do Sul, sendo assim mal interpretado;

“O público da Europa, geralmente muito ignorante das coisas e dos homens da América do Sul, engloba o Brasil no número das repúblicas espanholas sempre em luta inglória e sanguinolenta.”

(O Paiz, 13 de novembro de 1891 – Carta parisiense;)

